

XV Congresso Brasileiro de Sociologia

Grupo de Trabalho 32: Violência e Sociedade
As configurações do bico na cidade de Fortaleza
Antonio Marcos de Sousa Silva – Universidade Federal do Ceará

26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR)

Introdução

O trabalho de policiais militares na segurança privada em Fortaleza é um fenômeno largamente difundido dentro da própria instituição policial. Suas implicações na dinâmica da segurança acarretam mudanças, re-modelam comportamentos e criam novas formas de sociabilidades¹ tecidas pela lógica da compra de um serviço que deveria ser oferecido pelos órgãos de segurança pública de forma gratuita.

A atividade de policiais militares na segurança privada na cidade de Fortaleza engloba fatores sociais, econômicos e culturais que codificam o trabalho do PM. Esse tipo de atividade já se encontra arraigado às raízes sócio-culturais de nossa formação militar, ora como *modus sobrevivendis*, ora como *modus operandis*. Só para lançar uma estimativa: de acordo com a ASPRAMECE², mais de 70% dos policiais militares do Ceará possuem atividade extra.

Em Fortaleza, o quadro parece confirmar essa estimativa. Um grande percentual de PMs da cidade realiza atividades extra. Optei por trabalhar com análise qualitativa, visto que não existem dados quantitativos que possam precisar o percentual exato desses profissionais que praticam outra atividade remunerada, seja na segurança privada ou não.

Lanço para a discussão elementos que me possibilitam configurar o bico³ em Fortaleza. Para isso, evoco as considerações que meus informantes lançaram:

Antigamente, os policiais faziam bico em festas, em clubes, pra completar o salário e, hoje em dia, a segurança particular, pessoal, escolta. [...] Tá em todas as áreas: é na Aldeota para os barões, acompanhando. Os grandes centros comerciais, fazendo na porta de entrada, nos bairros, nos grandes mercadinhos, na Pedro Pereira. (Entrevista 01: soldado 01).

Rapaz, na periferia são mais os mercantis, os mercadinho, é confecção. Periferia é assim. Restaurantes, na Aldeota, são também restaurantes, mas é restaurante e agora tá surgindo um bico: os condomínios, porque têm as

¹ De acordo com Santos (1999, p. 21), a violência, a insegurança e o medo criam novas formas de sociabilidades nas quais o indivíduo se encontra inserido em uma nova dinâmica. “As relações de sociabilidade passam por uma nova mutação, mediante processos simultâneos de integração comunitária e de fragmentação social, de massificação e de individualização, de ocidentalização e de desterritorialização”.

² Associação dos Praças da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militares do Estado do Ceará.

³ Trabalho com essa categoria nativa que, segundo os informantes diz respeito às atividades exercidas por policiais durante seu período de folga. Para essa pesquisa, o “bico” se remete à atividades extra na segurança privada. Optei também por não colocar essa categoria entre aspas, não devido sua naturalização, mas para permitir um processo de assimetriação entre pesquisador e pesquisado.

saidinhas, porque os caras saem nos carros, o cara escora ... Então agora os condôminos tão contratando policiais pra ficar ali. [...] O da Aldeota é mais empresário. Ai é normalmente é o mesmo tanto: 50, 60 reais(sic) (Entrevista 04: cabo 01).

O bico de PMs em Fortaleza não se apresenta de forma estruturada e fechada. Nos quatros cantos da cidade podem-se encontrar policiais vendendo sua folga por um “punhado de dinheiro”, ora para empresários, ora para pequenos comerciantes sedentos por mais segurança e, dessa forma, privando-se de um direito como cidadão.

Quero salientar que o bico possui características próprias e variáveis endógenas que são produtoras de particularidades. A cidade e suas tramas modelam e re-modelam a dinâmica dele, inscrevendo-o na ordem social vigente. Para perceber ou minimamente conhecer essa atividade, é preciso etnografar a cidade e seus lugares, andar e caminhar pelas ruas, *shoppings*, abastecer nos postos de gasolina, almoçar ou jantar nos restaurantes, sentar-se à beira do mar e tomar uma água de coco nas barracas de praia, ir aos grandes espetáculos de nossa terra - Fortal⁴ e outros carnavais fora de época, Ceará Music e casas de *shows* (Forró) -, ir às agências bancárias, aos supermercados e aos salões de beleza. Por fim, é possível perceber que existe “um infindável rol de lugares e situações nos quais vigilantes, vigias, ‘observadores preventivos’, ‘fiscais de salão’, ‘apoio’, ou seguranças vão estar lá” (CORTES, 2005, p. 09). Nas palavras do presidente da ASPRAMECE:

Eu vejo os colegas fazerem segurança privada, não com muita frequência, porque quase eu não ando onde eles fazem segurança, porque, assim, a grande maioria se dedica à segurança de salão, de festas, né, esses clubes aí de forró, essas coisas toda aí e uma pouca parcela tão voltada aos grandes supermercados, redes de supermercados. É impressionante como é que um empresário consegue ser tão mesquinho assim ao ponto de deixar de contratar uma empresa (Entrevista como o presidente da ASPRAMECE).

Em face disso, a configuração do bico em Fortaleza ganha contornos mais nítidos quando se divide e se categoriza os tipos de atividades extra exercidos por PMs na segurança privada. Sendo assim, é possível encontrar várias formas de “se

⁴ Evento cultural (micareta ou carnaval fora de época) que acontece anualmente na cidade de Fortaleza, que move grupos e toda uma rede pessoas que vai do empresário ao segurança (policial).

fazer bico” na segurança privada: “segurança de vip”, segurança de estabelecimentos comerciais (postos de gasolinhas, lojas de roupas, salões de beleza, restaurantes, bares e casas de *show*) e, por fim, a “Sub-área”.

1. O bico na segurança de VIP: rentabilidade e treinamentos

Continuando a discussão sobre a configuração do bico de PMs na segurança privada na cidade de Fortaleza, trago agora, com mais detalhes, os desdobramentos dessa atividade que se torna específica e peculiar ao nosso modo de vida urbano.

Uma das variáveis mais conhecidas do bico policial é o trabalho de segurança particular de uma pessoa, ou o chamado “guarda-costas”. Na cultura policial, essa atividade extra é mais conhecida como segurança de vip, ou seja, de pessoas importantes e influentes na política ou na economia local. Empresários, políticos e autoridades em geral utilizam os serviços de guarda-costas policiais, uma vez que essa atividade exige um alto grau de aprimoramento das técnicas de defesa e de ação, visto que lida diretamente com a vida de outrem⁵. Nas palavras de um policial: *“você dá segurança e ele lhe dá segurança. Ele prefere botar policial porque ele sabe que o policial é capaz de dar a vida por aquele cara. Chegar junto, porque se acontecer alguma coisa com ele, ele responde, entendeu?”*⁶.

Esse tipo de bico é considerado extremamente rentável para os policiais devido aos melhores pagamentos por hora trabalhada na atividade. Muitos policiais ganham mais no bico de vip do que na polícia e, geralmente, possuem melhores condições de trabalho. Nesse sentido, o policial que se insere nessa atividade precisa não só ser bastante competente como profissional de segurança, como ter qualidades pessoais:

O empresário, ele visa boa apresentação. Ele não quer um cara burro. [...] O policial tem que andar sempre de barbinha feita, cabelo curto, bonito e não ser gordo e mostrar agilidade e competência no que ele faz. [...] Ele [o

⁵ Vale ressaltar que existem duas modalidades de segurança de autoridades: uma formal e a outra informal. Na formal, os policiais realizam um curso de segurança de autoridades oferecido pela Polícia Militar do Ceará, a fim de treinar esses agentes que irão fazer a segurança das autoridades do Estado. A modalidade informal se enquadra na ótica do bico, uma vez que os policiais são contratados pelas próprias autoridades para fazer sua segurança de maneira informal.

⁶ Entrevista número 04: Cabo 1.

contratante] não quer qualquer policial, ele não quer policial aposentado, gordo, pesado, lesado, assim, tal. Ele quer um cara ativo: pois não, senhor!. Ele quer um cara educado: pois não, doutor, bom dia, posso ajudar o senhor?. Tá entendendo? Ele quer um cara esperto, que ele sente: policial, faz um favor pra mim: vai lá no *Shopping* Benfica, na loja tal, e traz isso aqui pra mim. Ih, doutor, onde fica o *Shopping* Benfica?. Ele não quer um lesado, ele quer um participante, ativo (Entrevista 01: soldado 01).

Os contratantes são exigentes no que diz respeito ao processo de escolha para compor sua guarda particular. Os melhores dos melhores são os priorizados para essa atividade. Em Fortaleza, grupos de policiais militares são formados (por policiais – praças ou oficiais) no intuito de assessorar e prestar serviço a esses tipos de clientes que “pagam bem e melhor que a Polícia”. Em face disso, o policial tem que ser o melhor e o mais preparado para “cuidar” da segurança do cliente e de sua família. Na verdade, eles devem estar cientes de sua autoridade como homens da “lei e da ordem”, portadores do uso legal e legitimado da força, mesmo que seja para fins particulares.

O policial militar carrega consigo as insígnias do poder, pois ele representa o Estado, detentor do monopólio legítimo do uso da força (WEBER, 1999). Nesse caso, o uso da violência pelo Estado está vinculado a um aparato legal: o direito. “O poder estatal é um poder absoluto porque emerge como o único capaz de produzir o direito, vale dizer, produzir normas vinculatórias válidas para todos os membros de uma sociedade” (ADORNO, 2002, p.07).

A expropriação e o uso da força por grupos privados se encontram terminantemente proibidos nas sociedades modernas ou são devidamente concedidos pelo Estado sob permissão restrita. No caso dos PMs que vendem segurança para fins particulares, a questão ganha mais aprofundamento, visto que está colocando a força do Estado para fins privados, ou seja, utiliza-se todo o aparato legal para uso particular. Nesse sentido, quais os motivos de se contratar PMs para fazer segurança privada? A autoridade que é concedida ao policial militar surge como um dos fatores preponderantes para sua contratação para a “segurança de vip”, visto que: [...] a construção diária da autoridade policial [é] respaldada pelo recurso legal e legítimo do uso e da ameaça de emprego da força, [e] não se restringe ao aprendizado de todos os insumos doutrinários e técnicos que embasam o seu exercício (MUNIZ, 1999, p. 196).

Em Fortaleza, a presença de policiais militares na “segurança vip” é bastante notória, tendo em vista que os contratantes muitas vezes preferem um policial militar⁷ os protegendo a uma empresa de segurança: *“Eu vou contratar um policial militar que pode andar armado 24 horas, pode viajar comigo, se precisar, se tiver um carro me seguindo ele liga, pede pra consultar a placa... Pra quê que ele vai contratar uma empresa privada?”*⁸.

Para ser segurança de vip, o PM precisa, além dessas ferramentas, ser um estrategista, um especialista em rua, ter um olhar treinado para sempre exercer uma pedagogia da suspeita, ou seja, o PM deve ser preparado para sempre visualizar o perigo iminente, a ameaça à ordem pública. Com isso,

É importante ressaltar que a gramática da ameaça exponencia as potencialidades do perigo intrínseco às atividades policiais, sobretudo porque também multiplica o leque de atores sociais que, pela sua própria existência singular no cenário urbano, supostamente atentariam contra a “boa ordem pública” (MUNIZ, 1999 p. 223).

O PM que faz a segurança de vip recebe treinamento constantemente oferecido pelo patrão, seja para manuseio de armas de fogo, defesa pessoal, artes marciais ou mesmo curso de etiqueta para circular nos locais onde o patrão frequenta. Na verdade, os PMs que participam desse tipo de atividade, de certa forma, dominam os códigos de conduta e moral estabelecidos pela dinâmica do “bico de vip”, devido ao fato de já estarem há muito tempo nesse ramo, serem homem-de-confiança do patrão ou indicado por outros policiais.

No mundo do bico há regras estabelecidas tacitamente e outras que são condicionadas ao cotidiano do patrão. Nesse sentido, o PM da segurança vip é aquele que faz todo tipo de serviço ordenado pelo chefe: motorista do patrão, da mulher do patrão e dos filhos, babá, *office boy* etc. Sobre isso um informante salientou que:

⁷ O Policial Militar é mais requisitado para a atividade de segurança privada, segundo os relatos dos informantes, devido ao fato de possuírem o porte de arma e serem treinados a partir dos preceitos da hierarquia e disciplina militar. Ou seja, o PM é mais obediente e dedicado ao patrão do que o policial civil.

⁸ Entrevista número 01: soldado 01.

Você trabalha de segurança particular, você é babá, você é motorista, você escuta choro. Você leva carão, porque às vezes o cara discute com a mulher durante a noite e desconta no segurança. Você passa a fazer parte daquilo ali, você tá direto ali. No caso de segurança pessoal particular, você vive a vida de outra pessoa, você praticamente é a segunda pessoa que ele vê durante o dia, porque [a primeira] é a mulher dele, você tá ali direto com o cara. (Entrevista 01: soldado 01).

Essas peculiaridades do trabalho policial na segurança privada apontam elementos que expressam a constituição de relações de poder entre patrão e empregado e, ao mesmo tempo, retratam relações de intimidade pautadas no cotidiano desses indivíduos. Esse cotidiano imprevisível, carregado de momentos inesperados, motiva o trabalho desses PMs devido ao fato de que sempre estão preparados para a ação, para defender a vida do outro, daquele que garante um sustento a mais no fim do mês.

Para aqueles PMs que se encontram no mundo do bico em condições melhores do que outros, porque estão fazendo a segurança de um grande empresário ou de uma autoridade local e estão “faturando bem”, o trabalho extra “*é um paraíso,[pois] aqui toma conta só do prédio, vai escoltar o homem em casa. De vez enquanto ele vai pra um canto, tem um carro pra gente ir com ele*”⁹.

No universo do bico na segurança privada, a segurança de vip ganha outros contornos subjacentes entre patrão-empregado, uma vez que os limites empregatícios desse tipo de atividade possibilitam contratação por períodos que duram dias ou semanas. Nesse caso, o PM fica a serviço de empresários por tempo integral, ou melhor, fica com dedicação exclusiva ao patrão, e não à Polícia. Nos casos em que isso ocorre, “os vips” contratam policiais para fazer segurança em viagens e eventos no interior do estado. Normalmente, é contratada uma equipe de policiais para prestar esse tipo de serviço, que perdura dias ou semanas. Vale ressaltar que a maioria dos policiais que faz esse tipo de bico está licenciada do serviço ou consegue burlar ou trocar com outro policial a escala de trabalho na PM.

⁹ Entrevista número 04: Cabo 01.

2. O bico em estabelecimentos comerciais

O leque de possibilidades de trabalho para PMs na segurança privada em Fortaleza é bastante grande. Com isso, se torna fácil perceber a presença destes em locais privados, vigiando indivíduos suspeitos, protegendo o patrimônio material e até mesmo mantendo a lei e a ordem em espaços privados.

O mundo da segurança privada converte a ordem pública em ordem privada ao utilizar agentes públicos para policiar bens privados. Isso acontece quando determinados estabelecimentos comerciais contratam PMs para fazer a segurança de seus espaços e de seus bens materiais. Em Fortaleza, esse tipo de atividade é tão maleável quanto sedutora, visto que garante renda extra, contatos para outros serviços e reafirma simbolicamente os adereços que os policiais possuem para enfrentar a criminalidade.

Esse tipo de atividade se torna visível em determinados bairros da cidade, ora por comportar número expressivo de estabelecimentos comerciais, ora pelo aumento dos índices de violência na redondeza. Em virtude disso, essa atividade, dentro do leque de opção no mundo do bico, é uma das mais expressivas, já que existem vários setores do comércio que se utilizam dessa prática. Postos de combustíveis, clínicas médicas, salões de beleza, restaurantes e casas de *shows* são os maiores “empregadores” de “seguranças-policiais”, tendo em vista que esses estabelecimentos são alvos de assaltos e furtos frequentemente.

Comumente, em postos de gasolina, o PM exerce a função de vigia patrimonial. Esse setor é um dos mais estressantes, visto que o policial deve ser um homem preparado para prever e se adiantar às ações de furto, roubo e interferência na ordem pública-privada. O PM, geralmente sem farda, trabalha em torno de oito horas nesses estabelecimentos de forma, muitas vezes, precária, como salienta um entrevistado:

A segurança privada que eu vejo às vezes, por acidente, os colegas fazerem, meu Deus! Não passa de vigias de estabelecimentos, vigia sem condição, em pé o dia todo, no sol e na chuva, às vezes oferecem uma cadeirinha debaixo de um pé de planta, um negócio totalmente insalubre e tudo mais¹⁰.

¹⁰ Entrevista com o Presidente da ASPRAMECE.

As outras atividades que têm as mesmas características dessas são as que estão estritamente relacionadas à vigilância patrimonial. Um dos pontos semelhantes dessa atividade de bico é a vigilância do estabelecimento e a segurança de seus clientes. O PM trabalha geralmente à paisana, porém armado. Estabelece pontos estratégicos de vigilância nos arredores dos estabelecimentos para vigiar atitudes suspeitas. No caso de Fortaleza, consegui enumerar seis tipos de estabelecimentos que utilizam PMs para segurança privada: salões de beleza, clínicas médicas, restaurantes, bares, barracas de praia e supermercados e bancos.

Ressalto que, mesmo possuindo características comuns, o bico de segurança nesses estabelecimentos assume regras próprias, dinâmicas pré-estabelecidas pela lógica do cotidiano. Para cada comércio existe um tipo de cliente e, nesse sentido, o PM tem que se adequar às normatividades dessa atividade como, por exemplo, o trabalho de segurança em restaurantes, que demanda um tipo de comportamento mais refinado, indumentárias mais sofisticadas, postura mais elegante e, ao mesmo tempo, o PM deve fazer o possível para que sua presença nesse local seja minimamente visível.

O mundo do bico solicita de seus atores, os policiais militares, um esforço extremamente grande de apreensão da realidade, pois, seja em postos de gasolina, supermercados, restaurantes, barracas de praia ou casas de *show*, eles devem prestar um serviço de qualidade. Em face disso, é importante ressaltar que o policial que presta esse tipo de serviço carrega consigo anos de experiência na polícia e no bico, que favorecem a constituição e acúmulo de conhecimento. Barros (2005, p. 90) argumenta que, nesse caso:

O acúmulo de conhecimento no local de trabalho fornece aos atores novas formas de transformar, manipular e sujeitar as condições de trabalho ao seu favor. Essas transformações são produzidas nas relações sociais no local de trabalho e permite aos atores acumularem novos conhecimentos, oriundos da incorporação das informações provenientes de outras gerações ou apreendidas nas próprias atividades cotidianas.

Além de acumular conhecimento, a atividade paralela na segurança privada garante influência, circulação nos meios elitizados e reconhecimento por parte tanto da sociedade como dos próprios policiais. Falo isso porque tratarei do bico em barracas de praia e em casas de *show* a seguir.

Se um dia você for à Praia do Futuro¹¹ e se deparar com seguranças na barraca de praia escolhida, certamente estranhará algo, pois, geralmente, são policiais contratados para assegurar “tranquilidade” para os banhistas e clientes de seu estabelecimento. Comumente, sua função é vigiar os espaços, os clientes e garantir proteção para os caixas, porém também são acionados para revistar e guardar armas de fogo de outros policiais de folga. Normalmente, isso acontece em barracas de praia que utilizam áreas privadas para clientes. Nesse caso, existe revista na entrada do estabelecimento e, quando o segurança-policial encontra alguém armado, pede para se identificar se é autoridade (policial ou não). Caso isso aconteça, o PM pede para recolher e colocar a arma em local seguro.

O bico em festas, ou melhor, em casas de *show* em Fortaleza, conta com um elevado número de participação de PMs na segurança. As casas voltadas para a indústria do forró são as que mais usufruem dessa prática. Para a segurança do evento, os policiais são colocados em pontos estratégicos que permitem mantê-los atentos a qualquer ocorrência anormal e a qualquer tentativa de assalto. No caso de brigas, os vigilantes dos estabelecimentos resolvem, pois:

Geralmente a polícia militar [no bico] não tá pra isso. O pessoal da privada tá mais pra isso, pra intervir em briga. A gente tá mais pra uma segurança mais próxima à bilheteria, tá correndo muito dinheiro. [...] E as pessoas que a gente deve ter mais cuidado, geralmente, são os donos de banda, o dono da casa de *show*. Geralmente esse pessoal. Fora esse, a polícia não tá mais voltada, assim, pro público (Entrevista 02: soldado 02).

Nas festas e eventos, o PM exerce também a função de guarda-costas dos empresários e músicos, porém o ponto forte dessa atividade fica no setor de revista dos participantes. Em face disso, os policiais têm que se utilizar de estratégias de policiamento eficazes para garantir a manutenção da festa sem que ocorram imprevistos que interditem momentânea ou permanentemente o espetáculo.

Para isso, as estratégias são fundamentadas a partir da vivência policial, ou seja, o grupo que faz a segurança do local pratica os ensinamentos da cultura policial na atividade do bico. Outro ponto decisivo que facilita a contratação do PM para fazer a segurança de casas de Forró é o que os policiais chamam de “fator

¹¹ Uma das praias mais frequentadas por turistas e moradores locais na cidade de Fortaleza.

confiança”, que permeia toda a configuração do bico. Confiança por parte dos empresários, assim como por parte de outros policiais.

Nas casas de *shows*, normalmente os eventos de Forró são os mais divulgados e garantem um número expressivo de público. Dentre esse público heterogêneo, elenco um que merece destaque: o policial militar ou civil. Em muitas festas, a presença desses policiais é comum. Estão em horário de folga e de lazer. Querem adentrar o recinto portando suas armas e, muitas vezes, alcoolizados. Nas palavras de um informante:

Eu costumo até brincar que nas casas de forró a polícia só trabalha por causa da própria polícia, porque geralmente chega sempre um alcoolizado, né? Policial alcoolizado e, pra segurar um policial, só outro policial. Você não vai querer segurar um policial, ainda mais se ele tiver armado. [...] Geralmente, no começo da festa, quando tem aquele policial, ele quer entrar na “carteirada”, se ele tá armado, terá precaução de guardar a arma dele, se ele tiver armado: “não, tua arma vai ficar guardada aqui dentro”. Já pra evitar alguma coisa lá dentro. É por isso que eu costumo dizer: a polícia só trabalha em festa por causa da polícia. Até porque o policial vai chegar armado numa festa, ele não vai ter consciência de se desarmar, ainda mais entregar a arma a um civil. Isso já aconteceu comigo, eu cheguei numa festa, não tinha nenhum policial trabalhando de segurança, e o cara queria minha arma porque queria, eu disse: “meu amigo, eu não entrego a minha arma nem pra minha mãe” (entrevista 02: Soldado 02).

Os policiais que atuam nesse tipo de bico estão preparados e treinados para agir quando for necessário. Suas contratações obedecem à lógica da necessidade de defender o patrimônio privado, de garantir a segurança para os clientes dos estabelecimentos e de praticar sempre a “pedagogia da suspeita”, pois:

Do ponto de vista pragmático da cultura policial das ruas, suspeitar consiste em “uma atitude saudável” de todo policial. Isso significa que, na ordem prática, os PMs da *blue line* necessitam desenvolver mapas do mundo social, de modo que eles possam identificar, monitorar e se antecipar à conduta potencialmente criminosa e desordeira dos atores que circulam nos mais diferentes contextos da vida urbana (MUNIZ, 1999, p. 218).

O PM que realiza segurança de estabelecimentos comerciais se encontra constantemente exposto a ações criminosas que podem, muitas vezes, macular a imagem da própria instituição policial, assim como trazer risco à sua vida, visto que “*você faz segurança em comércio, você fica um pouco exposto, por quê? Porque o*

delinquente olha, passa uma vez, passa duas, passa três, quando vê a mesma pessoa, ele avisa: ali é um segurança”¹².

Por outro lado, a exposição do PM no bico facilita, em muitos casos, a criação de redes de contatos, de relações de amizades, devido ao fato de que o policial está em contato direto com possíveis clientes que podem precisar de seus serviços de segurança. A esse respeito, remeto-me agora a uma forma velada de prestar apoio a determinados estabelecimentos comerciais em Fortaleza.

3. O “bico velado”: “sub-área” e formas de sociabilidades no trabalho policial

Em um determinado período de minha adolescência, tive que trabalhar em um pequeno comércio localizado em um bairro periférico de Fortaleza. Foi uma época em que pude participar dos jogos de relação e poder que se formam nesse tipo de atividade. Trabalhei em um pequeno comércio (mercadinho São Francisco) de propriedade de um irmão, realizando todo tipo de atividade, desde venda até compra de mercadorias para o abastecimento do estabelecimento.

É nesta última que vou me deter, visto que se desenrolará na questão da atividade policial. Lembro-me bem que as compras de mercadorias eram feitas em um estabelecimento que distribuía para todos os pequenos comércios do bairro devido à prática de preços de atacado. Em três anos de minha vida, frequentava periodicamente esse supermercado e, geralmente, havia uma viatura da polícia militar rondando a área. Muitas vezes, os policiais desciam, entravam no estabelecimento, falavam com o dono e pegavam um lanche. Em finais de semana, principalmente no sábado, no começo da noite, presenciei, em muitos casos, policiais recebendo uma gorjeta por ter prestado apoio ao comércio, pois faziam a ronda ali de meia em meia hora durante o dia e a noite.

O que quero ilustrar com isso é que, durante o trabalho policial, existe uma forma velada de prestar serviços a determinados comerciantes que pagam para a “viatura” uma certa quantia, seja em dinheiro, almoço ou lanche. O interessante é que as apreensões do senso-comum, geralmente, servem como indicativos no que concerne a formulações de hipóteses para a pesquisa sociológica.

¹² Entrevista número 05: cabo 02.

Partindo dessa perspectiva, exponho agora um tipo comum de bico que acontece nos bairros de Fortaleza, conhecido no “mundo da polícia” como “sub-área”. As sociabilidades construídas no cotidiano das ruas facilitam a prática dessa atividade por parte dos policiais, uma vez que estes se utilizam do poder-de-policia, muitas vezes, para conseguir barganhar ou “vender proteção” aos comerciantes. De fato, quando os policiais já conseguiram articular-se com os comerciantes, nas palavras de um policial:

O cara tá fardado, dá uma voltinha. Isso é feito muito pelos oficiais: “sub-área”. “sub-área” eles pegam a viatura, aí, rapaz, dá uma voltinha aqui, aí passa, no meio do serviço. [...] Não, isso aí não é bico, não é serviço. Aí, pro cara passar mais lá, pra dar maior atenção ao comércio dele, aí o cara tem o telefone da viatura (Entrevista 04: cabo 01).

“Quando você avistar policiais militares em uma viatura rondando um estabelecimento comercial, certamente estão fazendo sub-área”¹³, isto é, estão concedendo maior atenção ao estabelecimento comercial a partir de constantes monitoramentos da área. Esse tipo de bico se diferencia dos demais porque, comumente, os comerciantes pagam os policiais com lanches, marmitas e “gorjetas” que são entregues durante o horário de serviço e ao final do expediente dos PMs. Na fala de um informante:

Quando você vê, geralmente, dois policiais dentro de uma viatura parado em frente algum estabelecimento comercial, alguém tá ganhando aí, o policial militar deve estar ganhando merenda, ganha um lanche, ganha um almoço, ganha uma janta ou ganha uma quantia financeira, e o próprio dono do estabelecimento comercial pela segurança que ele ganha (Entrevista 01: soldado 01).

A “sub-área” está inscrita na dinâmica do trabalho policial de rua, nas relações sociais estabelecidas no mundo da rua em que é possível perceber as manobras simbólicas feitas pelo PM para se garantir no exercício de sua função. Ela espelha-se em um submundo tecido pela lógica da troca de favores e pelo poder do dinheiro, reavivando relações clientelistas e patrimonialistas que facilitam o uso da máquina do Estado em favor de particulares.

¹³ Retirado da fala de um informante que entrevistei. Soldado com 18 anos de prestação de serviço à Polícia Militar do Ceará.

Essa prática, ao ser velada, insere-se no trabalho cotidiano das ações policiais de patrulhamento das ruas, nas sociabilidades do fazer policial, visto que dar um lanche aqui e outro ali, supostamente para o PM, seria um dever do cidadão, pois este está ganhando segurança com a presença de uma viatura em seu estabelecimento. Nesse sentido, existe uma incorporação das formas de sociabilidades tecidas na rua, na atividade policial, nas ações e na dedicação para realizar o patrulhamento.

Ao prestar serviço a determinados comerciantes, o PM cria mapas cognitivos, estratégias de patrulhamento que, muitas vezes, fogem às ordens do comando de policiamento. Na verdade, são construídas novas formas de mapear e patrulhar as ruas dos bairros e da cidade, uma vez que se deve atender a um comerciante no bairro x e a outro no bairro y em pouco menos de uma hora. Funciona dessa maneira:

Eles separam 10 pontos comerciais, digamos assim. Que eu procuro olhar na semana, dar uma passadinha aqui, que a gente se acerta aí. “Deixe o telefone de vocês, qualquer coisa eu ligo, certo?”. Lógico que aquela pessoa que te procurou, não é que ele esteja te dando uma propina, nem é que ele esteja te comprando, mas tá agradando, infelizmente nosso mundo é capitalista. [...] Uma é essa maneira e a outra, “rapaz, faça o seguinte: fica chato porque a minha clientela é de alto nível, eu não queria policial fardado aqui... Porque vocês já trabalham aqui, vocês já sabem como é o movimento, vocês ficam trabalhando pra mim.” (Entrevista 01: soldado 01).

Nesse sentido, a “sub-área” constrói redes de relações tecidas pela óptica da cooperação entre o patrão e o empregado (o policial) e entre os próprios policiais. “Ajude-me que te ajudo” é a chave para barganhar uma vaga na segurança privada. Fazendo uma escolta de um cliente do banco, consegue-se um contato para “futuros trabalhos” e, assim, cria-se uma rede pautada por relações de clientelas.

Em Fortaleza, de acordo com um informante, esse tipo de atividade é bastante presente no cotidiano do trabalho policial. Seja em bairros periféricos, seja em corredores bancários, o PM normalmente constrói redes de sociabilidades que imprimem padrões de comprometimentos para com empresários, comerciantes, clientes de banco etc. As relações vão se estabelecendo ainda quando o PM “está de farda” ou de serviço, assegurando um comprometimento, pois:

Os PMs fazem uso das relações pessoais para conseguir um lanche e gastar menos dinheiro. As padarias e os bares são os lugares privilegiados de parada para lanche. [...] A farda transmite autoridade estatal. É bom para a padaria ou o bar ter os PMs por perto. “Fazer amizade” com os policiais não deixa de ser garantia para certos privilégios (BARROS, 2005, p. 152).

As relações estabelecidas no cotidiano do trabalho policial adquirem *status* de compromissos sérios e particulares que o PM honra toda vez que é solicitado pelo comerciante ou empresário. Todavia, ao honrar compromissos particulares, o policial subtrai os deveres de policiar as ruas, prestando assistência a qualquer cidadão indistintamente. Nesse sentido, a “Sub-área” modela e re-modela a atividade policial de rua, constrói redes de sociabilidades presas aos padrões de honra, compromisso, lealdade, amizade, vigentes na cultura brasileira. Recorrendo novamente a Barros (2005, p. 270),

Ficam claras nas atividades que os PMs exercem na segurança de padarias, bancas de jornal, postos de gasolinas, escolas, casas de amigos, igrejas, farmácias e lanchonetes. Na maioria das vezes, são nesses locais que estão a garantia não só do lanche, mas também da troca do pneu furado, da correia que arrebentou no motor ou mesmo da limpeza da viatura. [...] Ao receberem a gentileza nos lugares mencionados, os PMs passaram a policiar diariamente esses locais. No intuito de agradecer a gentileza fornecida, como pagamento eles oferecem, pelo menos, a “sensação de segurança” e o afastamento e identificação dos possíveis delinqüentes.

Na realidade, a “sub-área” cria, para o mundo policial, uma ordem social que assume os pressupostos contraditórios do dever da polícia como órgão estatal de manutenção da lei e da ordem. Fomenta o mercado clandestino de venda de segurança por policiais, transformando-os em vendedores e facilitadores de segurança. Nas palavras do vice-presidente da Associação dos Cabos e Soldados do Ceará - ACSCE:

Deixando bem claro que nós somos totalmente contrário quando o policial de serviço, na sua área, utiliza-se da própria viatura do seu horário de trabalho da sua farda pra de repente dar uma atenção especial a fulano ou a cicrano, porque é comerciante, vai me pagar por isso. Aí não, isso ai eu acho que deve constituir crime.

Na configuração do bico em Fortaleza, a “sub-área” aparece como uma prática bastante realizada pelos PMs e adquire uma função importante no que concerne à tênue fronteira entre o trabalho extra e o policiamento ostensivo, uma vez que se torna a porta de entrada para que o policial participe do mundo do bico.

Considerações finais

A arquitetura do bico na segurança privada em Fortaleza, como foi analisado ao longo deste trabalho, compreende uma engrenagem social intimamente conectada com as redes de relações sociais tecidas no mundo da rua e se divide em três modalidades de práticas: a atividade de segurança de estabelecimentos comerciais (casas de *show*, barracas de praia, restaurantes, salões de beleza e mercadinhos), a segurança pessoal de empresários ou comerciantes (o bico de VIP) e, por último, a segurança de estabelecimentos comerciais no período de trabalho na Polícia, ou seja, o comprometimento com empresários e comerciantes para direcionar mais atenção aos estabelecimentos comerciais quando de serviço na viatura policial.

Esse mapeamento das características do trabalho de policiais na segurança privada em Fortaleza me possibilitou mostrar que essa atividade se encontra vinculada a inúmeros fatores sociais, culturais e econômicos. O bico em Fortaleza obedece a uma confluência de fatores que estão constantemente entrelaçados e, com isso, essa atividade permeia todos os setores da sociedade, uma vez que ela se apresenta de forma maleável, ora se diluindo dentro da própria instituição militar, ora transitando por todos os meandros da sociedade fortalezense.

Nessa pesquisa, constatei que o bico passeia por todas as esferas sociais, primeiramente porque se constitui a partir de fatores culturais que estão presentes em nosso meio social como em forma de culto a autoridade policial: a cultura da masculinidade exercida em forma dos atributos de esperteza, agilidade, honra, compromisso e dever; a cultura da arma de fogo, que fomenta uma sensação de segurança para aqueles que a possuem; e, por fim, o uso indevido da máquina pública para fins particulares que culmina na não separação entre público e privado na sociedade brasileira.

Em termos de fatores sociais, o bico forja relações de intimidade entre policial e contratante, criando, desse modo, elementos sociais que o mantêm como uma espécie de última saída frente à incapacidade dos órgãos de segurança. Ao produzir relações sociais, essa atividade caminha pelos setores sociais como uma prática preponderante para minimizar a sensação de insegurança que ronda a sociedade. Sua manutenção e expansão são realizadas por meio, justamente, das relações sociais que o policial produz, pois é na “base da amizade” que se consegue adentrar o mundo do bico ou a partir de um contato aqui, outro ali com empresários ou comerciantes.

Outro aspecto que ganha destaque na pesquisa é que é por meio do trabalho realizado na rua que o policial geralmente constrói redes de amizades que facilitam sua inserção nesse mercado, ora pelos próprios companheiros de farda, ora pelos comerciantes localizados na área onde o policial atua ou empresários que procuram mais conforto em termos de segurança pessoal, familiar ou patrimonial. Aliás, é no cotidiano da atividade policial que o bico na segurança privada nasce, uma vez que é no dia a dia das ações e patrulhamento das ruas que os policiais se fazem vistos e reconhecidos pela população e, mais ainda, pelos comerciantes ou pequenos empresários locais. O cotidiano fabrica, para os policiais, identidades sociais, cuja finalidade se enquadra na construção de novas relações sociais entre o mundo policial e o mundo real, aproximando-os em relação às atividades policiais e a atividade do bico.

Em meio aos fatores culturais e sociais, existe outra peça essencial para a manutenção do bico na segurança privada: os fatores econômicos. Os atrativos, as facilidades e a remuneração no bico, em muitos casos, sobressaem ao trabalho policial no que diz respeito ao ganho na corporação. Todavia, vale ressaltar que esses fatores não são os únicos que fazem o policial militar entrar no bico. O fato é que esses três fatores estão entrelaçados de forma que permeiam e solidificam o mundo do bico, fazendo com que este se insira em todos os setores da sociedade.

O bico de policiais militares na segurança privada na cidade de Fortaleza é uma realidade que merece ser mostrada, analisada e compreendida para que possibilite haver um entendimento melhor sobre esse fenômeno que permeia as práticas sociais e culturais, pois quem contrata o policial militar para fazer segurança privada são os cidadãos que, primeiramente, deveriam incentivar e ter maior participação nas decisões que envolvem a política de segurança pública do Ceará.

Referências bibliográficas

ADORNO, S. O monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea. In: **O que ler na ciência social brasileira 1970-2002**. Volume IV (organizado por Sérgio Miceli). 2002.

BARROS, L. A. **Polícia e Sociedade**: um estudo sobre relações, paradoxos e dilemas do cotidiano policial. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia e Política) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

CORTES, V. A. P. **Espaço urbano e a segurança pública**: entre o público, o privado e o particular. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2005

MUNIZ, J. **Ser Policial é sobretudo uma razão de ser**. Cultura e Cotidiano da PMERJ. 1999. Tese (Doutorado em Ciência Política) – IUPRJ. Rio de Janeiro, 1999.

SANTOS, J. V., T. Novos processos sociais globais e a violência. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 03, p. 18-23, 1999.

WEBER, M. Sociologia do Estado. In: **Economia e sociedade**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.